

## 7

## A TESSITURA DE UM SONHO: APROXIMAÇÕES E TENSÕES ENTRE O MUNDANEUM DE AGORA E O DE OUTRORA

Valéria Rodrigues de Oliveira Pozzatti  
Rossanna dos Santos Santana Rubim  
Adriana Aparecida de Oliveira

Ao passar pela Rue de Nimy, na cidade belga de Mons, um transeunte pode encontrar-se em frente ao pórtico de um dos tantos prédios com tijolinhos à vista, em cujo letreiro se lê: “Museu Mundaneum”. Tal prédio, com largas janelas dispostas na fachada dos três pisos que o compõem, outrora servia a uma loja de departamentos e ainda conserva em seu interior as características de formas puras e linhas retas, típicas do movimento arquitetônico de Art Deco. Todavia, não se encontram estocados naquele local artigos de uso diário, pois, desde 1993, ali estão dispostos documentos recuperados de um acervo

que se julgava perdido, o qual originalmente foi organizado pelo visionário bibliógrafo belga, Paul Otlet, em parceria com Henri La Fontaine.

À entrada do museu, visualiza-se um salão amplo, retangular, ladeado por dois níveis de galerias, cujo teto abobadado ilustra, em um planisfério terrestre, o que seriam *links* informacionais conectando os continentes. Ao fundo do salão principal, vê-se também um grande globo terrestre, o qual, de acordo com o disposto no *site* da instituição (MUNDANEUM, 2017), simboliza a universalidade do projeto de promoção da paz idealizado por Otlet e La Fontaine, que não aventava apenas uma nova forma de governo, de viés internacionalista, mas que pensava a promoção e facilitação do acesso à informação, com base na criação de uma “[...] rede de conhecimento global como algo semelhante a uma consciência universal e como uma porta de acesso para o esclarecimento coletivo” (WRIGHT, 2014, p. 17, tradução nossa).

Até o início de 2017, treze profissionais compunham a equipe de gestão e manutenção do Museu Mundaneum, o qual ocupa aproximadamente 1900 m<sup>2</sup>, compreendendo: área de exibição, depósito dos arquivos, prédio administrativo, pátio e sala multiuso<sup>16</sup>. Dentre os profissionais mencionados, quatro são arquivistas. Sob a responsabilidade de tal equipe está a curadoria de mais de seis quilômetros de documentos (documentos pessoais dos fundadores; coleções temáticas sobre anarquismo, feminismo e pacifismo;

---

<sup>16</sup> Todas as informações relativas à infraestrutura e equipe foram obtidas por e-mail, no decorrer do mês de abril de 2017, por meio de Jacques Gillen, arquivista e líder de projeto do Mundaneum.

documentos iconográficos; coleções provenientes de feiras mundiais etc.) e também de doze milhões de cartões de indexação do Repertório Bibliográfico Universal (RBU), fruto de incansável e meticuloso trabalho de Otlet, desenvolvido no âmbito do Instituto Internacional de Bibliografia, com o fito de classificar todo o conhecimento produzido. Tais cartões, que originalmente passavam de dezesseis milhões, estão dispostos nos armários localizados ao redor de pelo menos dois ambientes do prédio de exposições do Mundaneum: o salão central e a galeria localizada no segundo piso.

Discorrendo acerca da coleção disposta no Mundaneum de Mons, Rayward (2010) adota uma postura marcadamente descritiva ao dizer dos cartões da RBU, talvez querendo impressionar curiosos e estudiosos com os milhões de unidades dos cartões de indexação, ou mesmo intencionando contextualizar à exaustão os aspectos materiais do arquivo, trazendo detalhes minuciosos das formas e modos de apresentação e disposição dos cartões. Espley (2011), entretanto, percebe essa ênfase nos aspectos materiais como uma forma inconsciente de evitar uma discussão sobre o conteúdo e consequente valor intelectual do repertório. Segundo o autor,

[...] Mesmo para Rayward, o significado do repertório parece ter mudado, e o conteúdo das gavetas é amplamente esquecido em uma descrição detalhada, quase libidinosamente prolongada, descrição de sua construção e materialidade. A descrição se desvia para a veneração estranha e deslocada de uma relíquia (ESPLEY, 2011, p. 42).

A percepção do autor mencionado não se apresenta como definitiva no desabono das ações desenvolvidas no âmbito do RBU,

sendo as contribuições de Otlet no campo da classificação do conhecimento reconhecidamente importantes na área de documentação. Todavia, esse olhar parece ir ao encontro da proposta de curadoria do acervo do Mundaneum de agora, uma vez que se trata de um museu, principalmente se observado como se dão as utilizações dos seus espaços e a prestação dos seus serviços.

Em quase sua totalidade (à exceção do arquivo subterrâneo), o museu dispõe de abundante área livre, sendo esse espaço também alugado por companhias, associações e afins, para ali realizarem reuniões, coquetéis, palestras e outras funções que impliquem a reunião de pessoas. Decerto uma medida para angariar recursos para a manutenção da instituição. Além disso, presta serviços de auxílio à pesquisa, empréstimo de peças, digitalizações, consulta ao catálogo online, sala de leitura, visitas guiadas voltadas a escolas e grupos diversos.

Considerando as características ora mencionadas, pode ser afirmado que a simbologia imbricada nas representações de mundo, na estrutura do Mundaneum de agora, não vai ao encontro dos objetivos dessa instituição, que ora se propõe a salvaguardar e preservar os documentos que compõem seu acervo e promover a valorização do material arquivado, por meio de exposições, publicações e eventos (MUNDANEUM, 2017), também prestando serviços de cerimonial, o que favorece a visão de distanciamento do ideário otletiano, principalmente nos seus últimos anos de vida, de uma instituição cujo papel extrapolaria o de um museu, atuando como um centro de referência

mundial de catalogação e disseminação informacional, servindo de ferramenta de união entre as nações.

Ao fim, esse Mundaneum, que se ergue discretamente no coração de Mons, configura-se de fato como um monumento em homenagem ao trabalho de dois exponenciais cidadãos belgas, e, para assim compreender, é preciso revisitar o passado e conhecer um pouco do sonho que moveu essas mentes.

## A IDEALIZAÇÃO DE OUTRORA

---

Paul Otlet é descrito por Wright (2014, p. 308, tradução nossa) como

[...] um exemplo de um homem impulsionado por um sentimento de propósito nobre, que permaneceu seguro em suas convicções, não rebaixado pelo fracasso; cujos *insights* profundos sobre a estrutura do conhecimento humano permitiram que ele espreitasse o futuro distante.

Um exemplo de persistência que ampliou seus interesses de atuação para o campo da bibliografia e classificação do conhecimento, por acreditar nesse como um fator determinante na promoção da paz entre os homens. Com isso em mente, juntamente com Henri La Fontaine, esteve diante de iniciativas que objetivavam estabelecer e fortalecer relações internacionais com vistas à democratização do acesso à informação, a qual seria potencializada a partir do momento

em que a indexação do conhecimento humano fosse realizada, por meio da atuação do Instituto Internacional de Documentação (conhecido inicialmente como Instituto Internacional de Bibliografia).

Inegavelmente ousada, ao fim, tal proposta trouxe contribuições importantes para os estudos e práticas de tratamento documentário, mas parecia estar fadada ao fracasso no que se refere à abrangência pretendida, principalmente se considerado o ritmo não controlado da produção do conhecimento. De acordo com Espley (2011, p. 48, tradução nossa),

[...] o resultado agregado do trabalho de Otlet e de todo o Instituto de Documentação torna-se [...] uma área de texto sem fronteiras, sem mapeamento, que encapsula perfeitamente o pós-moderno. Cada fragmento de seu corpo sangra em outros e inevitavelmente em todo o mundo de publicação que buscava refletir, incorporando a seu corpo fragmentos não de todo o conhecimento, mas sim do que aconteceu ao acaso no âmbito do Escritório. São fragmentos recortados contra uma ruína que Otlet percebeu com horror abjeto no início de sua carreira como a "anarquia da produção intelectual" (OTLET, 1903, p. 79) e que, quase certamente sem o seu conhecimento, absorveu inteiramente sua resposta. Sua ambição é arrogante e seu fracasso inevitável.

Essa manifestação contundente está diretamente relacionada à dificuldade de se visualizar a completude do conhecimento humano encerrada nos limiares de gavetas para fichas de indexação, organizadas de acordo com um sistema de atribuição de conexões as quais, em decorrência da movimentação e desenvolvimento orgânico das ideias, poderiam vir a perder sua função de estabelecimento dos relacionamentos lógicos. Contudo, é impossível não identificar muito do

ideário otletiano nos diferentes formatos da disseminação da informação.

Mas é retomando a visão de Wright (2014) de um homem determinado e movido pelos seus sonhos, que se pode lançar luz a uma tentativa de compreender o que veio a fomentar a idealização desse órgão, de natureza nobre, que se pretendia ser o Mundaneum. Nesse esteio, o Quadro 1, busca situar a trajetória dessa instituição e de seus idealizadores principais, Otlet e La Fontaine, entrecortada por acontecimentos históricos que foram determinantes para a conferência da importância do tema ora em pauta.

**Quadro 1: o Mundaneum no decorrer da História**

<b>Ano</b>	<b>Evento</b>
1910	Realização da Feira Mundial de Bruxelas, do Congresso Mundial de Associações Internacionais e criação do Museu Internacional e Projeto da Cidade Mundial. Criação da União de Associações Internacionais.
1913	Henri La Fontaine é agraciado com o Prêmio Nobel da Paz.
<b>1914</b>	<b>Eclode a I Guerra Mundial.</b>
<b>1918</b>	<b>Fim da I Guerra Mundial.</b>
1920	Abertura do Palácio Mundial, nas dependências do Museu Internacional do Palácio do Cinquentenário, onde ocupava aproximadamente cem salas.
1924	Desocupação de algumas salas no Palácio do Cinquentenário. Otlet divulga manifesto no qual a proposta da Instituição Mundaneum é apresentada. Criação da associação “Os Amigos do Palácio Mundial”.
1930	O Instituto Internacional de Bibliografia transforma-se no Instituto Internacional de Documentação.
1934	Fechamento do Palácio Mundial (Mundaneum).
<b>1939</b>	<b>Eclode a II Guerra Mundial.</b>
1940	O acervo do <b>Mundaneum</b> é saqueado pela Comissão Rosenberg, força-tarefa do 3º Reich.
1941	Transferência das coleções do Palácio Mundial para o antigo prédio de um instituto de Anatomia, no Parc Léopold, em Bruxelas.
<b>1943</b>	<b>Morre Henri La Fontaine, em 14 de maio.</b>
<b>1944</b>	<b>Morre Paul Otlet, em 10 de dezembro.</b>
<b>1945</b>	<b>Fim da II Guerra Mundial.</b>
1972	Nova transferência das coleções do Mundaneum, que deixam o Parc Léopold, passando a ser acondicionadas em um prédio na Chaussée de Louvain, e, posteriormente, na Avenida Rogier e Place Rogier.
1980	Dissolução do Escritório Internacional de Bibliografia.
1984	Transferência da coleção para a Comunidade Francesa de Wallonia-Brussels.
1983	Transferência da coleção para a cidade de Mons, Bruxelas. Criação da organização sem fins lucrativos, Mundaneum, para



	gestão e conservação do acervo originário do Palácio Mundial.
1998	Abertura do Museu Mundaneum em Mons.
2012	Anúncio da colaboração entre o Google e o Mundaneum.
2015	Ampliação do espaço do Museu Mundaneum.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Mundaneum (2017), Google Cultural Institute (2017) e Wright (2014).

Não se sabe ao certo quando se deu o lançamento da pedra fundamental do projeto do Mundaneum, porém a semente da ideia talvez tenha sido plantada por volta de 1910, durante o primeiro Congresso Mundial de Associações Internacionais, evento realizado com o intuito de transformar Bruxelas numa espécie de capital intelectual mundial, colocando a Bélgica no centro das atenções informacionais. Na ocasião, representantes de várias nações reuniram-se para tratar principalmente da padronização de atividades no âmbito da Bibliografia, o que ia diretamente ao encontro dos trabalhos que vinham sendo realizados pelo então Instituto Internacional de Bibliografia.

Nesse mesmo ano, Otlet apresentou seu projeto de uma Cidade Mundial, cujo objetivo principal era trazer a harmonia e estimular o progresso, a um nível global, nas principais instituições do trabalho intelectual, tais como: universidades, bibliotecas, museus, entre outros espaços (RAYWARD, 2010). Tal cidade se constituiria de um complexo de instituições como a mencionada, sendo ali localizado o Mundaneum, centro universal de informações, cuja importância se daria tanto no plano funcional quanto simbólico.

Não obstante, presume-se que a assertividade inerente à proposta otletiana em prol da paz entre os homens tenha sido fortemente

influenciada pelo que os cidadãos europeus vinham vivenciando naquele período que antecedeu a deflagração da Primeira Guerra Mundial.

Em 1913, ano que antecedeu o início da I Guerra Mundial, Henri La Fontaine ganhou o Prêmio Nobel da Paz e investiu o prêmio nos projetos que mantinha com Otlet. No ano seguinte, Otlet deslocou-se até os Estados Unidos com objetivo de captar recursos para financiamento dos projetos, mas não obteve êxito e retornou à Bélgica, tendo de fugir logo em seguida, já que o país havia sido ocupado pelos alemães, tendo sido necessário, inclusive, que o Instituto Internacional Bibliográfico interrompesse suas atividades (ZURITA SÁNCHEZ, 2006). Seu sonho ficaria em suspenso.

Porém, ao final daquele momento de guerra, enquanto os cidadãos da Bélgica (e de outros países da Europa) tentavam recomeçar, reerguendo suas cidades e impulsionando suas vidas, os colegas belgas também retomaram o projeto de construção da Cidade Mundial, mesmo em meio a tantas mudanças.

Por volta de 1920, o Instituto Internacional de Bibliografia teve toda a sua coleção transportada para o Palácio do Cinquentenário, no qual ocupava mais de cem salas, sob a alcunha de “Palácio Mundial” (RAYWARD, 2010).

Wright (2014) explica que a concepção do Mundaneum está diretamente relacionada ao pensamento positivista e simbólico inerente ao pensamento de Otlet, e que o livro, como artefato, seria um dos pontos-chave de atribuição de significado desse centro de documentação, acesso e disseminação da informação, sendo tal objeto

visualizado pelo bibliógrafo belga como um “livro-máquina”. O autor explica que

[...] as metáforas da máquina decorrem do conceito do livro como uma unidade de energia armazenada, contendo pensamentos condensados que poderiam então se expandir no cérebro. O livro-máquina funcionava dentro do sistema maior como um "acumulador" – um repositório externalizado de conhecimento – e como um "transformador" – um agente para produzir novos conhecimentos dentro do ecossistema maior. À medida que as pequenas máquinas se propagam, seguindo os padrões de repetição e amplificação que sempre moldaram a disseminação do conhecimento, elas coletivamente começam a constituir uma máquina maior. Nesse ponto, a totalidade da civilização humana poderia ser entendida como uma espécie de vasta máquina de conhecimento: o Mundaneum (WRIGHT, 2014, p. 233, tradução nossa).

Pode assim ser inferido que o projeto otletiano transcenderia a materialidade, ou mesmo também se manifestaria a partir dela, e que sua proposta ideológica deveria ser interpretada nos planos concreto e simbólico, e os adeptos do projeto precisariam compreender que se imprimia no ideário de construção um esforço simbólico de compreensão do homem como responsável ativo pela constituição e disseminação do conhecimento, e não apenas como mero receptor de dados a serem emitidos por algum dispositivo. Essa perspectiva estaria, assim, traduzida no projeto arquitetônico.

Wright (2014, p. 17, tradução nossa), em certa medida, reforça a assertiva ora apresentada ao dizer que

[...] o Mundaneum deveria ser mais do que apenas uma ferramenta de recuperação de informações. Seria um componente essencial de um esquema muito maior para unir as nações do mundo sob uma nova forma de governo, levando a uma nova era de paz e compreensão, uma em que as facções tradicionais em guerra de estados-nação e estruturas políticas

calcificantes dariam caminho para um mundo em rede. Em tal ambiente, ele acreditava, a humanidade poderia finalmente atingir seu verdadeiro potencial espiritual.

Mesmo que as intenções fossem nobres, e Otlet tivesse constituído uma considerável rede de contatos no decorrer dos anos, o projeto carecia de um apoio financeiro real. Em 1924, a iniciativa foi surpreendida com a solicitação de desocupação de várias salas do Palácio do Cinquentenário, sendo necessário mais de dois anos para efetiva reorganização da coleção (RAYWARD, 2010). De acordo com Wright (2014), a desocupação foi solicitada para que se desse lugar a uma feira da indústria de borracha.

Em 1927, o Palácio Mundial pôde retornar às suas atividades, quando recebeu o nome de Mundaneum. Juntamente com tal mudança, pareceu haver uma renovação de forças na concretização do planejamento dessa que pretendia ser uma grandiosa instituição. Otlet contratou, então, dois arquitetos, Le Corbusier e Pierre Jeanneret, para realizarem novo projeto arquitetônico, talvez por compreender ser necessário atualizar sua proposta, tendo em vista a realidade pós-guerra. Ocorreu, assim, um total remodelamento desse, já com o intuito de que a Cidade Mundial fosse construída em Genebra, na Suíça, e não na Bélgica, de acordo com as ambições iniciais. Todavia, não há registro da finalização de um projeto.

De acordo com Rayward (2010), depois de transcorridos dez anos da desocupação, em 1934, foi preciso que o Palácio Mundial fechasse as suas portas para visitação, por ordem do governo local, que alegou ser

necessário realizar melhorias na edificação. Apesar dos protestos da equipe, não houve alteração da medida, e o escritório do Instituto Internacional de Documentação mudou-se para a residência de Otlet, sem que o acervo fosse retirado, de imediato, do Palácio do Cinquentenário.

Demonstrando mais uma vez a força de suas convicções, Otlet não retrocedeu. O fechamento do Mundaneum não o impediu de continuar a perseguir o sonho da construção de uma Cidade Mundial. Entre 1935 e 1938, ele delegou ao arquiteto belga Maurice Heymans a retomada do trabalho de Le Corbusier, e juntos atuaram incansavelmente na elaboração de um projeto arquitetônico que fosse ao encontro da visão otletiana do Mundaneum.

Tais esforços deram origem basicamente a três conjuntos de desenhos, que, ao final, caracterizavam não apenas uma edificação, mas um complexo de prédios, interligados em rede, situados na intitulada “Civitas Mundaneum” (ou Cidade Mundial), descrita como “[...] um tipo de amplificação do Mundaneum principal, o qual poderia, por meio da rede dada, auxiliar a desenvolver e manter as outras instituições afiliadas” (OTLET, 1935a, apud VAN ACKER, 2012, p. 389, tradução nossa).

Van Acker (2012) ratifica a proposta simbólica do projeto de Otlet ao trazer à tona a afirmativa de que o Mundaneum possui o espírito do mundo. Por esse motivo, referido projeto

[...] se impõe à missão de se tornar o ponto de referência da memória e da tomada de decisão. É esta compreensão mais profunda do Mundaneum como um centro onde o conhecimento é trazido como uma síntese, objetivando a

renovação social, que Heymans tinha capturado e trazido metaforicamente à expressão por meio da arquitetura (VAN ACKER, 2012, p. 393, tradução nossa).

É possível reconhecer, com base nesses registros, profissionais comprometidos com uma ideologia e que acreditavam na beleza do projeto e no fato de nele residir o credo de que o homem pode ser melhor pela potencialização dos mecanismos de acesso à informação, sendo essa determinante para a inclusão do sujeito no mundo. É clara a nobreza do intento, mas a história mostrou-se inexorável e, mais uma vez, a eclosão de outra grande guerra, em 1939, veio se interpor entre Otlet e o seu sonho.

Temeroso pelo futuro da coleção do Mundaneum, para a qual ele foi criando mecanismos de organização na medida em que ela crescia, Otlet enviou pedidos de ajuda a outros países, oferecendo até mesmo doar a inteireza da coleção a quem pudesse posicionar-se positivamente no intuito de receber e proteger o seu legado. Todavia, não obteve sucesso no intento. E, assim, em 1940, o acervo do Mundaneum recebeu a visita da Comissão Rosenberg, uma força-tarefa do 3º Reich que atuava nas frentes de apropriação cultural dos países ocupados. Nada passava despercebido: joias, obras de arte, livros, etc. Wright (2014) relata que acompanhou a referida comissão o chefe da biblioteca nazista, Hugo Krüss, que, em outros tempos, fazia parte da rede de contatos de Otlet.

Os sentimentos que tomaram conta do já idoso e enfraquecido Otlet, que passou décadas desenvolvendo sistemas de organização e

selecionando materiais, provavelmente não podem ser mensurados. Os nazistas saquearam a coleção, principalmente os livros, destruindo o que não pensavam ser apropriado, indo ao encontro de uma prática integrante dos ritos de ocupação das cidades europeias pelo exército alemão, durante a II Guerra Mundial, como descrito por Wright (2014, p. 10, tradução nossa):

Dentro de alguns dias, uma tropa de soldados alemães chegou e procedeu a limpar o conteúdo do Palais Mondial, eventualmente destruindo sessenta e três toneladas de livros, jornais, cartazes, panfletos e outros materiais documentais que constituíram a coleção principal. Mais tarde, naquele ano, funcionários nazistas usaram o espaço anteriormente ocupado pelo Palais Mondial para hospedar uma exposição de arte do Terceiro Reich.

O que restou da coleção foi transferido para as instalações de um antigo instituto de anatomia, no Parc Léopold, não para exposição, mas para fins de depósito. Decerto, o que remanesceu dessa ação de depredação não poderia ser considerado suficiente para representar o que Otlet havia imaginado. Os arquivos do Museu, na cidade de Mons, não passam de uma vaga representação da ambição de outrora.

Otlet sobreviveu ao amigo La Fontaine, o qual faleceu em maio de 1943. Mas não chegou a presenciar o final da guerra, tendo morrido em dezembro de 1944, aos 76 anos de idade. Enquanto viveu, dedicou toda a sua energia, a força de uma convicção, em prol de uma paz que ele mesmo não viu se concretizar.

Por trinta anos, a coleção remanescente do Mundaneum, instituição que não chegou a existir no formato idealizado, permaneceu intocada, depois da sua retirada do Palácio do Cinquentenário. Mudou

ainda outras três vezes, até que chegasse à cidade de Mons, onde, desde 1983, permanece sob os cuidados de uma instituição que leva o nome do sonho de Otlet.

Em 2012, foi anunciada uma colaboração entre o Google Cultural Institute e o Mundaneum, a qual certamente ajudou na consolidação da importância das contribuições de Otlet no campo da Documentação. Essa parceria favoreceu tanto a disseminação de registros históricos da empreitada ora em pauta, quanto a digitalização e publicação de peças documentais que compõem o acervo do museu. Atualmente, sabe-se que não houve renovação dessa parceria. Entretanto, de acordo com Gillens (2017), as instituições continuam a trabalhar conjuntamente em projetos específicos.

O museu passou por processo de reestruturação, com ampliação de área física, em 2015, o que, pelo que se observa no site institucional, trouxe ganho para os serviços de recepção de público comumente ofertados, propiciando, assim, à instituição ampliar seus meios de arrecadação para que possa prosseguir com a proposta de não deixar que o mundo se esqueça desse grande homem, que foi o Otlet, por meio da curadoria e disseminação do que restou do seu legado material.

*WORLD WIDE WEB:*

---

**Mundaneum impensado?**



Paul Otlet e Henri La Fontaine, sem sombra de dúvidas poderiam atender sob a alcunha de “homens a serviço do conhecimento e da paz”, sendo suas contribuições sempre imbuídas de tais intenções, a exemplo do projeto utópico de uma cidade que ficaria a cargo do destino pacífico das nações mundiais (RAYWARD, 2010, p. ix). O objetivo da construção da Cidade Mundial “[...] foi sempre uma questão de encorajar a disseminação da paz por meio da coleta e compartilhamento do conhecimento” (RAYWARD, 2010, p. 35, tradução nossa). E é nessa proposta que o Mundaneum situa-se como peça principal, ficando a cargo dessa instituição a coleta, catalogação e disseminação do conhecimento produzido no mundo, tendo como forte referencial simbólico o ciclo de publicação do livro.

[...] o Mundaneum reflete, no final, uma redefinição expansiva de livros, afinal de contas, era a tecnologia que ele tinha em mãos. Ele pode sonhar com outras formas de comunicação, eletrônicas ou mecânicas, mas a palavra escrita permaneceu uma unidade fundamental de energia intelectual. Os livros observam ciclos naturais à medida que o material escrito é recolhido e publicado, então encontra o caminho para introduzir outras formas de publicação. Não só ele viu livros como guiando a evolução do cérebro humano físico, mas também acreditava que o desenvolvimento do próprio pensamento humano seguisse uma trajetória evolutiva (WRIGHT, 2014, p. 240, tradução nossa).

Essa visão cíclica das coisas também é percebida no símbolo idealizado por Otlet para identificar o Mundaneum, até os dias de hoje. Uma espécie de logomarca composta por círculos entrelaçados dentro de outro círculo maior, representando os círculos da vida, que compõem o mundo (RAYWARD, 2010).

Nunca desgarrado da riqueza simbólica dos seus empreendimentos, Otlet contribuiu com ideias de vanguarda no que se refere ao desenvolvimento de tecnologias que pudessem levar a cabo a real transmissão de “dados”, rompendo a barreira da distância geográfica, cenário que talvez não possa ser facilmente compreendido pela geração contemporânea e globalizada, que transpõe distâncias com um toque de tela, podendo comunicar-se em tempo real, compartilhando, sons, imagens e textos.

Em 1934, quando da publicação do Tratado de Documentação, obra exponencial de Otlet, o computador pessoal não havia sido inventado e mais de cinquenta anos ainda se passariam até que a internet começasse a ser comercializada. Todavia, em seus projetos de disseminação do conhecimento, o visionário belga pensava num Mundaneum que dispusesse de uma série de equipamentos que permitissem ao leitor interessado, e impossibilitado de ir pessoalmente à Cidade Mundial, o acesso às folhas dos livros por meio de telas, transmitidas por equipamentos dispostos no complexo informacional. Proposta essa que se configuraria numa rede global de comunicações, baseada num sistema de “telescópios elétricos” interligados, que na medida em que se expandisse, “[...] uniria indivíduos e instituições de todos os tipos – de livrarias locais e salas de aula a universidades e governos [...]. Ele chamou a coisa toda um *réseau mondial*: uma ‘rede mundial’, ou como o acadêmico Charles van den Heuvel coloca, uma ‘*World Wide Web* análoga’” (WRIGHT, 2003, p. 8, tradução nossa).

Otlet estava verdadeiramente imbuído de um sentimento de promoção do acesso universal e democrático ao conhecimento, o que se traduzia claramente na manifestação do seu ideário. Segundo ele,

[...] tudo no universo e tudo do homem poderiam ser registrados na distância em que foram produzidos. Dessa maneira uma imagem móvel do mundo poderia ser estabelecida, um verdadeiro espelho de sua memória. De uma distância, todos poderiam ler textos, ampliados e limitados ao assunto desejado, projetado em uma tela individual. Qualquer pessoa sentada em sua cadeira poderia ser capaz de contemplar a criação, no todo ou em certas partes (OTLET, 1935, p 391, tradução nossa).

Diante desse cenário de inovações e intenções otletianas, inevitavelmente há uma propensão a associar a internet que ora conhecemos com a concretização do sistema de compartilhamentos global que teria o Mundaneum como principal propulsor, já que nele estariam concentradas as publicações inerentes ao conhecimento produzido pelo homem. Embora seja possível reconhecer nas concepções de sistemas interligados e disseminação plural da informação, nos quais são desconsiderados tempos e espaços, verossimilhanças com o que é permitido por meio da internet, atualmente, é preciso traçar um limite comparativo.

Destacam-se aqui três pontos basilares, que não se pretendem únicos ou definitivos, mas que favorecem uma avaliação mais realista da relação entre o que Otlet acreditava e defendia, e o papel contemporâneo da Internet.

O primeiro ponto diz respeito aos modos de exploração do sistema de compartilhamento global. Enquanto o Mundaneum foi

pensado para servir como provedor informacional, sem fins lucrativos, com intuito principal de intervir ativamente na promoção da paz por meio da justa disseminação da informação, a Internet tem se manifestado como a convergência dos interesses monetários inerentes à disseminação controlada dos mais diversos tipos de informação. Wright (2014, p. 298, tradução nossa) corrobora essa premissa ao afirmar que

[...] hoje, o Google e algumas outras grandes corporações da Internet, como o Facebook, o Twitter e a Amazon, desempenham um papel semelhante ao que Otlet imaginou para o Mundaneum como os canais de coleta e distribuição para a produção intelectual do mundo. Mas os paralelos somente chegam até esse ponto. A empresa comercial desempenhava, na melhor das hipóteses, um papel menor no mundo que Otlet imaginava. Ele imaginou uma organização transnacional financiada publicamente – e não uma tonelada de empresas com fins lucrativos. Ele provavelmente teria visto o pandemônio da Web de hoje como um enorme desperdício do potencial intelectual e espiritual de uma humanidade.

Embora disponha de uma variedade praticamente incontável de serviços e informações, a concessão do acesso à internet, por si só, é condicionada ao pagamento de um provedor, sendo o primeiro de tantos outros obstáculos de ordem financeira que se interpõem entre o usuário e a informação desejada. Tal situação está diretamente relacionada a outro ponto de discussão sobre o “distanciamento” entre a idealização de Otlet e a Internet: a credibilidade das informações.

Dos usuários da internet contemporânea, cada vez mais se destacam os chamados “nativos digitais”, aqueles nascidos depois de 1980, quando as tecnologias digitais são disponibilizadas *on-line*. De acordo com Palfrey e Gasser (2011), todos esses têm acesso facilitado

aos dispositivos digitais e sabem lidar com eles. Na contramão do avanço, porém, está a confiança “cega” depositada no que é propiciado com base nas relações cibernéticas.

*Blogs*, revistas informais, redes sociais e outras mídias bombardeiam os usuários com informações não verificadas (e por vezes não verificáveis) numa proporção não mensurável, configurando-se, assim, um cenário de explosão informacional e de *links* com conteúdos vulneráveis, por vezes inconvenientes, supérfluos, corrompidos e facilmente manipuláveis.

Não sendo leviano dizer que tal cenário não vai ao encontro da rede pensada por Otlet. Na mesma medida em que informações cuja credibilidade estará sempre em questão se proliferam, é erigido um muro cada vez mais intransponível entre a informação com poder pacificador e aquela utilizada para dispersar ou conduzir.

Não menos importante, outro fator determinante deve ser observado no exercício de compreensão ora proposto, e está diretamente relacionado à conferência de credibilidade informacional: a fragilidade do texto eletrônico.

Quando da germinação da proposta otletiana o que se sabia dos suportes para a palavra escrita estava fortemente baseado na credibilidade conferida a ela pela materialidade inerente às publicações, principalmente a do mercado editorial livreiro. A confiança nos processos de produção do livro inspirou os projetos de compartilhamento responsável da informação que teriam como

referencial de disseminação o Mundaneum, conforme ressaltado por Wright (2014).

Mesmo sendo autor de uma visão tecnológica para além do seu tempo, talvez não tenha sido possível a Otlet visualizar como os relacionamentos do leitor com o texto se alterariam. De um lado, tem-se uma situação de maior acessibilidade a meios de disseminação e acesso à informação, de outro se depara com a facilidade de manipular os textos dispostos virtualmente, situação sobre a qual McKenzie (1999, posição 31, tradução nossa) posiciona-se contundentemente:

Há também um paradoxo na facilidade com que as novas tecnologias agora permitem que os leitores reconstruam e divulguem textos da forma que desejarem, com poucas restrições legais totalmente efetivas, e muito menos as de um conhecimento passado que poderia ter conferido outro tipo de autoridade. De muitas maneiras, essa fluidez descontrolada nos remete para a condição de uma sociedade oral.

Partindo dessa premissa, seria plausível dizer da necessidade de se colocar em voga o pensar num estado de retrocesso dos processos informacionais, resultantes das relações com o texto (e conseqüentemente com a informação) a partir do advento da *web*, principalmente se considerada a crescente dificuldade de atribuição de autoridade e responsabilidade pelas informações, que, ao fim e ao cabo, servirão de subsídios para compor as tramas do conhecimento contemporâneo.

Diante do discutido, mesmo se levando em conta as utilizações comerciais, a dificuldade de atribuição de credibilidade dos textos e a fragilidade inerente ao ambiente virtual, não se pode desconsiderar o

avanço tecnológico experimentado pela humanidade com o advento da internet. Continentes inteiros são transpostos, diariamente, com o clique de uma tecla e disso, ao certo, Otlet se admiraria e, se em vida conhecesse o que está disposto na atualidade, não se aquiesceria e trabalharia em prol da subversão dessa dinâmica que vai de encontro ao seu sonho de democratização da informação como instrumento de pacificação.

Tendo tecido considerações a respeito da trama que perpassa a história do Mundaneum, em seus diferentes tempos e espaços, no intuito de compreender melhor a convicção de um homem, o qual conquistou várias mentes brilhantes da Europa, quiçá do mundo, chega-se à conclusão de que o verdadeiro Mundaneum é aquele que nunca realmente chegou a “ser”. Aquele cuja existência serviria ao homem, pelo homem, em decorrência de uma fé resoluta na verdade esclarecedora como forma de libertação e paz, mas que parece ter sido encerrado junto ao seu criador.

## REFERÊNCIAS

ESPLEY, R. G. *The times are wrong*. Paul Otlet, modernist anachronism or prophetic knowledge architect of the postmodern? 2011, 65 f. (Dissertação - Magister in Scientia Economica) - Department of Information Studies, Aberystwyth University, Wales. Disponível em: <<https://goo.gl/VouvFb>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

GILLEN, Jacques. *Information on Mundaneum*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[valeriapozzatti@gmail.com](mailto:valeriapozzatti@gmail.com)> em 13 mar. 2017.

GOOGLE CULTURAL INSTITUTE. *1895–2013: the origins of internet in Europe: collecting, indexing & sharing knowledge*. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/mbmibD>>. Acesso em: 31 maio 2017.

MCKENZIE, D. F. *Bibliographie and the Sociology of texts*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999. E-book.

MUNDANEUM [site institucional]. *History*. Bruxelas, 2017. Disponível em: <<http://lieu.mundaneum.org/fr/historique-lieu>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

OTLET, P. *Monde*. Bruxelas: Mundaneum, 1935.

PALFREY, J.; GASSER, U. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

RAYWARD, W. B. *Mundaneum: archives of knowledge*. Illinois: University of Illinois at Urbana–Champaign, 2010. (Occasional papers, 215).

VAN ACHER, W. Architectural metaphors of knowledge: the Mundaneum designs of Maurice Heymans, Paul Otlet, and Le Corbusier. *Library Trends*, [S.l.], v. 61, n. 2, 2012, p. 371–396. Disponível em: <<https://goo.gl/oywwuO>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

WRIGHT, A. *Cataloguing the World: Paul Otlet and the Birth of the Information Age*. New York, NY: Oxford University Press, 2014.

\_\_\_\_\_. Forgotten forefather: Paul Otlet. *Boxes and Arrows*, 11 nov. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/v6vV0g>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

ZURITA SÁNCHEZ, Juan Manuel. *El paradigma otletiano como base de un modelo para la organización y difusión del conocimiento científico*. 2006. 74 f. Tese (Doutorado) – Curso de Bibliotecología, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, México, Df, 2006. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/8215/>>. Acesso em: 20 maio 2017.